

O paradigma pronominal do português brasileiro e o ensino de língua

The pronominal paradigm of Brazilian Portuguese and language teaching

Manoel Siqueira

Universidade Federal de Alagoas, Brasil.

Marta Deysiane Alves Faria Sousa

Instituto Federal de Sergipe, Brasil.

Manoel Siqueira

Doutor em Letras (PPGL-UFS).

Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS).

<https://orcid.org/0000-0002-5928-3450>.

manoel.siqueira77@hotmail.com.

Marta Deysiane Alves Faria Souza

Doutora em Letras (PPGL-UFS).

Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS).

<https://orcid.org/0000-0002-0480-0422>.

professoramarta2018@outlook.com.

Submetido em: 20/01/2026

Aceito em: 27/02/2026

Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20507



ISSN: 2317-9945 (On-line)

ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Resumo

Este trabalho analisa as mudanças no sistema pronominal do português brasileiro (PB) e discute sua incorporação às práticas pedagógicas. A partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, confronta as formas prescritas pela gramática tradicional com os usos efetivos da fala cotidiana, ainda pouco contemplados nos materiais de ensino. Fundamentado em revisão bibliográfica, o estudo critica a classificação tradicional dos pronomes e propõe um novo enquadramento, descrevendo a reestruturação dos paradigmas. Os resultados apontam para a expansão de formas como "você" e "a gente", o uso crescente dos possessivos "dele/dela" para evitar ambiguidade e a simplificação da flexão verbal. Conclui-se que essas mudanças exigem uma revisão do ensino gramatical. É necessário que o professor adote uma postura que valorize a diversidade linguística, utilizando dados de pesquisas empíricas para promover uma reflexão crítica, com vistas a articular a norma-padrão com as variedades presentes na realidade dos alunos, combatendo o preconceito linguístico por meio de abordagens contrastivas e reflexivas.

Palavras-chave: pronomes; variação linguística; ensino de gramática; português brasileiro; sociolinguística.

Abstract

This study analyzes changes in the Brazilian Portuguese (BP) pronominal system and discusses their incorporation into pedagogical practices. From the perspective of Variationist Sociolinguistics, it contrasts forms prescribed by traditional grammar with those effectively used in everyday

speech, which remain underrepresented in teaching materials. Based on a literature review, the study critiques the traditional classification of pronouns and proposes a new framework, describing the restructuring of the paradigms. The results point to the expansion of forms like "você" and "a gente," the increasing use of the possessive forms "dele/dela" to avoid ambiguity, and the simplification of verbal inflection. The conclusion is that these changes necessitate a revision of grammatical instruction. It is essential for teachers to adopt an approach that values linguistic diversity, using empirical research data to promote critical reflection. The goal is to integrate the standard norm with the language varieties present in students' reality, combating linguistic prejudice through contrastive and reflective teaching methods.

Keywords: *pronouns; linguistic variation; grammar teaching; Brazilian Portuguese; sociolinguistics.*

INTRODUÇÃO

O paradigma pronominal do português brasileiro (PB) é um dos temas mais estudados por pesquisas linguísticas de diferentes aportes teórico-metodológicos, como a Sociolinguística Variacionista, descrevendo o seu comportamento e funcionamento na língua, levando em consideração a sistematização de seus padrões estruturais e a compreensão do seu encaixamento na língua da(s) comunidade(s).

Ainda que haja essa descrição, o ensino do paradigma pronominal no Brasil tende a deter-se no que propõem compêndios gramaticais tracionais e manuais escolares, adotando um padrão linguístico alheio à realidade linguística do aluno, o que resulta na exclusão do ensino de formas linguísticas que compõem a gramática da língua falada por ele e por sua comunidade, uma vez que "a norma gramatical dos manuais escolares não serve de espelho para 'a língua como ela é'" (Lopes, 2007, p. 104).

Desconsiderar a realidade linguística do aluno, frente a não adoção do ensino do paradigma pronominal conforme seus usos, deixa de lado a discussão sobre as mudanças e os rearranjos existentes no sistema pronominal da língua, como (i) a existência de novas formas de sujeito e objeto para a 2ª pessoa; (ii) o aparecimento do pronome "a gente" no paradigma da primeira pessoa do plural; (iii) o crescente uso do possessivo "dele" oposto a forma "seu"; e outras implicações linguísticas.

Uma vez que a variação e a mudança linguísticas fazem parte da língua que os alunos utilizam em seu dia a dia, negar a sua existência e protelar o seu

desconhecimento geram implicações para os usos efetivos da linguagem em sociedade. É necessário, nesse sentido, que o professor assuma uma posição na qual se considerem as mudanças e a diversidade existente na língua, mobilizando tanto o falar do aluno quanto a variedade abordada nos compêndios gramaticais e nos manuais escolares.

De modo que a aula de português passe a abarcar a língua quanto aos seus usos efetivos, considerando a realidade linguística do aluno, a questão que aqui se faz é: quais mudanças no sistema pronominal do português precisam ser ensinadas em sala de aula? Uma sistematização dessas mudanças, que lide com a realidade linguística concreta, pode ajudar o professor no desenvolvimento de suas aulas, o que desenvolvemos neste texto.

A CLASSE DOS PRONOMES

O primeiro passo é entendermos o que aqui compreendemos como pronome. Embora gramáticas considerem a categoria de pronomes como uma classe uniforme, formal e funcionalmente (cf. Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2008), não há uniformidade em aspectos sintáticos e semânticos. Conceitualmente, o quadro dos pronomes proposto pela Norma Gramatical Brasileira (NGB)¹ adota uma definição de pronomes binária (substantivo + adjetivo), na qual os pronomes ora agem como nomes, substantivos ou núcleos de sintagmas nominais (SN), em (1), ora como adjuntos a esses nomes, acompanhando-os, em (2).

(1) *Essa* aí é muito diferente das demais.

(2) *Seu* trabalho será recompensado.

Em (1), o pronome *essa* age como nome, o núcleo do sintagma, referenciando algum elemento ausente na estrutura sintática, mas presente no momento da produção. Já em (2), o pronome *seu* ocorre como adjunto do nome *trabalho*, cuja

1 A NGB objetiva apresentar uma padronização para a nomenclatura gramatical em uso no país, principalmente na literatura didática e nos compêndios gramaticais, visando à unificação dos termos para a representação dos aspectos da língua.

ausência levaria à agramaticalidade, isto é, uma estrutura não aceita na gramática da língua. Uma vez que são substantivos, os pronomes muitas vezes são rotulados como elementos que substituem ou que podem substituir um nome, um substantivo (e.g., Almeida, 2009; Cegalla, 2008). Todavia, essa noção não é clara.

(3) O menino perdeu sua bola.

Em sentenças como (3) um pronome como *ele* não substitui o nome *menino*, mas todo o SN *o menino* (*ele* perdeu a bola). E ainda que o pronome o faça, outros elementos também o podem fazê-lo, como *Pedro* (*Pedro* perdeu sua bola), *o garoto* (*o garoto* perdeu sua bola) etc., sem que sejam considerados pronomes, tanto porque *Pedro* e *garoto* são substantivos, quanto porque “o que faz de um substantivo um substantivo, e não um pronome, é justamente o fato, alegado, de que não “substitui” coisa nenhuma” (Perini, 2005, p. 330).

A possibilidade de ambos os elementos, pronomes e substantivos, ocorrerem no mesmo contexto nos leva a perceber que eles têm comportamento sintático similar: os pronomes são equivalentes a elementos nominais, podendo representar substantivos ou acompanhá-los, apresentando duas funcionalidades sintáticas. Como representantes, eles atuam de forma similar no exemplo (3), em que o pronome *ele* pode representar o SN *o menino*. Como adjetivos, eles acompanham nomes, de modo que podemos associar um pronome a um substantivo, como em *sua bola*.

Contudo, o comportamento similar entre os pronomes e substantivos não se estende a todas as subcategorias dos pronomes, reduzindo-se apenas aos pronomes pessoais, como (4), e a alguns demonstrativos, a exemplo de (5).

(4) *ele* me mordeu > *o menino* me mordeu.

(5) *aquilo* me atacou > *o javali* me atacou.

Nesses exemplos, os pronomes *ele* e *aquilo* agem representando os sintagmas *o menino* e *o javali*. Contudo, pronomes possessivos não podem substituir o sintagma, pois, se isso ocorrer, como em (6), o resultado é agramatical (o asterisco é utilizado

para representar agramaticalidade). Os possessivos apenas agem como adjetivos de nomes, como em (7), ocorrendo também em contextos nos quais o nome já foi mencionado, proferido na interação, como em (8), em que há elipse do nome núcleo.

(6) **Seu* saiu correndo.

(7) *Seu* filho saiu correndo.

(8) Trouxe a **minha** bolsa e a *sua* (bolsa).

Do ponto de vista semântico, os pronomes indicam as pessoas do discurso, fazendo uma ligação entre elas e um elemento do mundo (Benveniste, 1995), já que aos pronomes é atribuído valor de dêixis (que aponta para), agindo como indicadores, gestos verbais usados para apontar e relacionar dois elementos do mundo biofísico e social. Em (9), o pronome *ele* está, num contexto em que foi produzido, apontando, relacionando a forma verbal com uma pessoa do discurso, aquele de quem se fala, que pode ser um homem, um menino, etc.

(9) *Ele* andou com o cachorro.

Mas nem todas as palavras consideradas como pronomes agem dessa forma. Um pronome como *que*, em (10), ou um pronome como *qualquer*, em (11), não estão agindo como dêiticos ou fazendo uma ligação entre as pessoas do discurso e um elemento do mundo.

(10) A menina de *que* eu gosto.

(11) Qualquer gato vira rato.

Nesse sentido, parece difícil achar uma conceituação única para a classe de pronomes. E não é o que deveríamos querer, uma vez que os elementos que fazem parte do rótulo gramatical “pronome” apresentam comportamentos sintáticos e semânticos distintos entre si. Seria necessário que houvesse uma melhor divisão para a classe, como a proposta de Perini (2005, p. 332), que argumenta a favor do

desaparecimento do grande rótulo “pronome”, visto que há vários grupos de palavras dentro dessa classe. O autor a divide em grupos distintos, baseado em critérios sintáticos – com base na posição que assumem em SN –, inserindo ora com categorias já existentes, ora com novas, elencadas abaixo:

- a) substantivos tipo 1: composto por pronomes como eu, ele, isto, etc., e não podem ocorrer com outros termos;
- b) substantivos tipo 2: itens como alguém, tudo, algo, etc., e podem ocorrer com outros itens (ex: esse alguém);
- c) relativos e interrogativos: que, quem e o qual;
- d) predeterminantes: todos e ambos (ex: todos os meninos);
- e) determinantes: o, um, algum, esse, etc.
- f) possessivos: meu, seu, nosso, etc.;
- g) quantificadores: muitos, vários, único, etc.;
- h) numeradores: outro e os cardinais.

Essas oito classes abarcariam todos os elementos inclusos sob o rótulo de pronome nas gramáticas tradicionais (Perini, 2005). Cada uma apresenta características sintáticas diferentes; por exemplo, os pronomes pessoais são distribuídos como substantivos do tipo 1 por ocuparem a posição de nomes em sintagmas, ou seja, de núcleo. Os possessivos, por sua vez, enquadram-se em uma classe própria, por apresentar traços que os distinguem de todas as outras classes.

Em que pese as distinções existentes na categoria dos pronomes, é preciso compreender que não é apenas a classificação adotada em compêndios gramaticais que apresenta discordância com a real funcionalidade e realidade linguística. Nas seções que seguem, discutimos sobre as mudanças existentes em subclasses dos pronomes.

Ainda que consideremos pertinente a repartição adotada por Perini (2005), ao longo deste texto, ao discutirmos a reestruturação no quadro pronominal do português, mantemos a nomenclatura padrão quanto aos pronomes pessoais. Os possessivos serão citados sem o termo pronome.

REESTRUTURAÇÃO NO QUADRO PRONOMINAL

As gramáticas tradicionais tendem a apresentar uma uniformidade quanto à organização do quadro pronominal do português brasileiro, principalmente no que diz respeito ao quadro dos pronomes pessoais (do caso reto e oblíquo) (Quadro 1) e ao quadro dos possessivos (Quadro 2).

Quadro 1 – Pronomes pessoais do português brasileiro

Pessoa gramatical	Retos	Oblíquos
Singular	1 ^a eu	me, mim, comigo
	2 ^a tu	te, ti, contigo
	3 ^a ele, ela	o, a, lhe, se, si, consigo
Plural	1 ^a nós	nos, conosco
	2 ^a vós	vos, convosco
	3 ^a ele, elas	os, as, lhes, se, si, consigo

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Almeida (2009), Bechara (2009), Cegalla (2008) e Cunha e Cintra (2009).

Quadro 2 – Pronomes possessivos do português brasileiro

Singular	1 ^a	meu	minha	meus	minhas
	2 ^a	teu	tua	teus	tuas
	3 ^a	seu	sua	seus	suas
Plural	1 ^a	nosso	nossa	nossos	nossas
	2 ^a	vosso	vossa	vossos	vossas
	3 ^a	seu	sua	seus	suas

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Almeida (2009), Bechara (2009), Cegalla (2008) e Cunha e Cintra (2008).

É fácil percebermos, uma vez que temos conhecimento da existência de outras formas, que há nos quadros tanto formas em desuso quanto formas que estão em crescente uso, já consagradas na língua falada e, em alguns contextos, na língua escrita. Isso ocorre, principalmente, porque gramáticas tradicionais raramente abordam fenômenos linguísticos da fala, não inserindo formas inovadoras em seus compêndios. Formas como *você*, por exemplo, ou não são abordadas ou são mencionadas em categorias à parte, às vezes como uma nota.

Se, em sala de aula, negamos a existência de formas linguísticas que são consagradas na modalidade falada e que fazem parte da língua do aluno, deixamos de lado a realidade concreta da língua, ensinando apenas uma realidade abstrata que não representa a língua daqueles que estão ali para aprender. É necessário que possamos observar quais são as reestruturações existentes no quadro pronominal do PB.

Mudanças na segunda pessoa gramatical

Quais formas os alunos utilizam para se referir ao seu interlocutor? Certamente não é apenas uma forma, podendo variar de acordo com a região do falante, pelos tipos de relações existentes entre ele e com quem ele fala, entre outros motivos (Brown; Gilman, 1960; Paes; Freitag, 2020). Observar as diferenças em sala de aula, os diferentes perfis sociais do aluno e de sua comunidade e discutir as relações sociais dos alunos podem ser fundamentais para a abordagem dos pronomes de segunda pessoa (2P).

Como vimos no Quadro 1, os compêndios gramaticais privilegiam duas formas para a 2P: *tu* para a 2ª pessoa do singular (2PS) e *vós* para a 2ª pessoa do plural (2PP), excluindo o *você* – forma amplamente utilizada –, e mantendo uma forma arcaica, o *vós*. Um pouco de história pode nos ajudar a compreender a organização do paradigma de segunda pessoa.

No português medieval (até o século XIV), havia duas formas para fazer referência à 2P: (i) *vós*, em (12) – forma polida, de tratamento respeitoso, utilizada de inferior para superior, como referência ao rei; e (ii) *tu*, em (13) – forma menos polida, utilizada de iguais para iguais ou superior para inferior.

(12) *Vós* fazeis o que *vos* pedem.

(13) *Tu* fazes o que *te* pedem.

Uma vez que havia a distinção quanto aos usos das formas, entendia-se que o uso de *tu* era mais restrito, utilizado em relações simétricas existentes (e.g., amigo para amigo, irmão para irmão, conhecido para conhecido etc.). O uso de *tu* em outros

tipos de relação (de inferior para superior, por exemplo), resultaria no rompimento de regras de conduta da sociedade da época, uma vez que a forma *tu* tinha uso específico (Menon, 1995). Em suma, utilizava-se, para contextos mais formais, a forma *vós*, sem restrições de uso, podendo ser usada tanto no singular – para apenas um interlocutor –, quanto no plural – para mais de um interlocutor, além de ser a forma para se referir ao rei.

Mais tarde, nos séculos XIV e XV, surgiram formas mais respeitosas para se dirigir ao rei, que não a forma *vós*, como *Vossa Mercê*, locução de base nominal empregada com o verbo na 3ª pessoa (3P). Com o passar dos anos e como resultado das mudanças sociais e econômicas da sociedade portuguesa, a forma *Vossa Mercê* começa a ser utilizada em relações simétricas entre os mais nobres, de igual para igual, o que resulta em maior adesão por pessoas que compunham classes sociais mais baixas – esses se espelhavam nas classes sociais mais altas. A alta adesão de *Vossa Mercê* logo começa a se espalhar por toda a sociedade da época, em pessoas de diferentes classes sociais, levando a mudanças em sua estrutura fonética (Menon, 1995): de *Vossa Mercê* para *você* e suas atuais variantes, *ocê* ou *cê* (além da forma escrita em contextos informais *vc*).

Dado que *você* surge como resultado de uma forma de base nominal de terceira pessoa, mantém-se o emprego da concordância verbal em 3ª pessoa (*você vai*). Com o advento da nova forma, com sua versão pluralizada (*vocês*), a forma *vós* entrou em crescente desuso (no início da colonização no Brasil, já se iniciava a sua arcaização). A introdução de *você* e variantes no sistema pronominal do português em 2P e a arcaização de *vós* procedem na concorrência de duas formas para a 2PS (*tu ~ você*), e apenas uma pessoa para a 2PP (*vocês*). A entrada de *você* também gerou uma reestruturação no quadro de pronomes do PB, o que resulta em mudanças nos usos dos pronomes em posições de não sujeito e na forma possessiva, como vemos no Quadro 3, em que os usos de *seu* e *lhe*, pronomes de 3P, passaram a ser usados como 2P, além de que o *você* (com preposição) começou a ser utilizado como pronome oblíquo e possessivo.

Quadro 3 – Novo paradigma de segunda pessoa

Número	Retos	Oblíquos	Possessivo
Singular	tu, você, ocê, cê + formas de tratamento (o senhor, a senhora, a senhorita)	te, ti, lhe, contigo, com você, para você	teu, tua, teus, tuas, seu, sua, seus, suas, de você
Plural	vocês + formas de tratamento (os senhores, as senhoras, as senhoritas)	te, lhes, com vocês, para vocês	seu, sua, seus, suas, de vocês

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Castilho (2012).

Pesquisas sociolinguísticas que descrevem o comportamento da variação no paradigma de 2PS (Scherre *et al.*, 2011; Scherre; Andrade; Catão, 2021; Paredes Silva, 2003; Peres, 2006; Rocha; Santos; Sousa, 2016; Silva, 2017; Silva; Vitória, 2017; Siqueira; Sousa; Rodrigues, 2023) observam o predomínio de *você* em função de sujeito na maioria das regiões². A forma *tu* continua vigente em algumas regiões, podendo ser caracterizada como um marcador dialetal – isto é, representa um padrão linguístico de uma determinada comunidade geograficamente localizada –, ou agindo em coindexação pronominal, com os pronomes oblíquos e possessivos, como "*onde você estava? não te vi ontem e tua mãe...*", em que o pronome utilizado na função de sujeito é *você*, mas o possessivo e clítico são oriundos do *tu*.

Mesmo com as mudanças, gramáticas continuam apresentando um padrão não próximo à realidade linguística do português brasileiro. Gramáticas tradicionais tendem a apresentar regras que muitas vezes não correspondem à realidade linguística atual, uma vez que usam como fonte escritores de séculos passados. Algumas dessas regras caíram em desuso ou até mesmo nunca fizeram parte da gramática falada brasileira, mas, com base nos textos literários que são utilizados como fonte, é possível que houvesse o uso dessas formas e o não uso de algumas outras, principalmente se estas não tivessem prestígio social. A forma *você* ainda pode ser encontrada em alguns compêndios gramaticais, não como pronome de 2P, mas como pronome de

² Há que se considerar o crescente uso de *você* como estratégia de indeterminação do sujeito [-EU].

tratamento, tendo em vista sua origem na forma *Vossa Mercê* (Almeida, 2009; Bechara, 2009; Cegalla, 2008).

A realidade linguística do Brasil não é a mesma de escritores do século XVIII ou XIX. Formas como *você* são amplamente utilizadas na literatura e na língua falada como referência aos interlocutores. Seria equivocado manter nas aulas de língua portuguesa a discussão dos pronomes de 2P excluindo uma forma tão presente em nosso dia a dia e insistindo em formas que os alunos provavelmente nunca usarão ou ouvirão/lerão na vida deles. É preciso, para tanto, que se considere a língua falada pelo aluno, sua realidade linguística: como o meu aluno se comunica? Quais pronomes de 2P ele usa? Ele trata todas as pessoas da mesma forma?

Diferentes contextos de uso, como também diferentes relações sociais, vão exigir diferentes usos. Um aluno pode utilizar *você* e variantes para falar com um colega, mas quando vai falar com a mãe ou com uma pessoa em relação de igual para superior pode utilizar um pronome de tratamento, como *senhora* ou *senhor*; por outro lado, um aluno pode usar *tu* para se comunicar em uma relação de igual para igual, mas quando em uma relação com uma pessoa desconhecida pode usar a forma *você*, uma vez que *tu* pode carregar maior grau de intimidade a depender da comunidade. Os pronomes de 2P agem como mecanismos para designar a posição social de quem fala na interação em sociedade (Paes; Freitag, 2020), tal qual ocorria em sua sócio-história, e isso precisa ser abordado na sala de aula.

É necessário, ainda, que se observe os diferentes usos feitos pelos alunos, principalmente os pronomes que fazem parte da realidade linguística deles, que se parta da realidade linguística existente, levando-o a refletir sobre os seus usos. Isso não implica esquecer o pronome *vós*. Os alunos precisam saber de sua existência, mas também de sua atuação restrita, pouco presente na língua falada.

O novo paradigma de primeira pessoa do plural

A abordagem dos pronomes de primeira pessoa do plural (1PP) não é tão diferente da abordagem da 2P, com exceção do fato de que os compêndios gramaticais e as aulas de português tendem a enfatizar o ensino de apenas uma variante, a variante canônica, enquanto ignora a variante inovadora. Conforme o Quadro 1, para

a primeira pessoa do plural (1PP) existe apenas o pronome *nós*, como em (14), que representa o eu + outro(s). A representação do quadro para 1PP em compêndios gramaticais esquece, entretanto, de inserir o pronome *a gente*, em (15), amplamente utilizado por falantes de diferentes regiões, classes sociais, níveis de escolaridade, sexos/gêneros e faixas etárias (Lopes, 1998; Omena, 2003; Santos, 2014; Vianna, 2011; Vianna; Lopes, 2015; Vitória, 2017b).

(14) *Nós* fazemos o que *nos* dá vontade.

(15) *A gente* faz o que dá vontade *pra gente*.

A forma pronominal *a gente* originou-se do substantivo *gente* (sinônimo de pessoas, povo), resultando na forma atual, que fez suas primeiras aparições em textos do século XIII, e apenas no século XVI é que começou a ganhar terreno na gramática do português (Lopes, 2002; 2004). Apenas no século XIX começa seu processo de pronominalização, aqui entendido como o ato de um item lexical se tornar um pronome, ex: *gente* > *a gente*, fazendo parte efetiva na gramática da língua.

Em seu início, a forma apresentava sentido tanto para “pessoas” [-EU], quanto para “pessoas” [+EU], relacionando-se com o pronome *nós*. Essas ocorrências, com o sentido de ambiguidade, tornaram-se frequentes no decorrer do tempo, à medida que a forma começa a ser usada com mais frequência pelos falantes. O crescimento nos usos e a pronominalização da forma *a gente* resulta na interpretação de *a gente* apenas como forma pronominal, variante de *nós* [+EU], ocorrendo também, além da alteração no traço semântico, mudanças nos traços de gênero, número e pessoa. A nova variante mantém concordância com a 3PS, embora contenha um valor semântico de primeira pessoa do plural (no entanto, há variação na concordância verbal com *a gente*, podendo ora ocorrer com 3PS, em *a gente viu*, ora com 3PP, em *a gente vimos*).

A introdução da variante *a gente* no sistema pronominal do português resulta em mudança na 1PP em funções sintáticas de sujeito e de não sujeito (Vianna; Lopes, 2012; Silva; Vitória, 2019; Vitória, 2017a), como de (16) a (19).

- (16) Você vem *conosco/ com nós*.
 Você vem *com a gente*.
- (17) Traga-*nos* isso/ Traga isso *para nós*.
 Traga isso *para a gente*.
- (18) Você *nos* ama?
 Você ama *a gente*?
- (19) A *nossa* bola.
 A bola *da gente*.

O rearranjo sintático decorrente do surgimento de *a gente* possibilita o uso do pronome inovador em diferentes funções sintáticas, concorrendo com o pronome canônico *nós* não apenas como sujeito de 1PP, como também como complemento e adjunto, além de ocorrer em coindexação pronominal, com oblíquos e possessivos, em *a gente já comprou nossas coisas* (Quadro 4).

Quadro 4 – Novo paradigma de primeira pessoa do plural

Retos	Oblíquos	Possessivos
nós, a gente	nos, conosco, com nós, a gente, prep+a gente	nosso, nossa, da gente

Fonte: Elaborado pelos autores.

A entrada de *a gente* no português não é recente. Ainda assim, há uma certa relutância na inserção do pronome inovador em compêndios gramaticais, como também em materiais didáticos. Uma justificativa é o fato de o uso da forma *a gente* ainda não ter prestígio oficial na escrita (Schmitz, 2006), como a variante *nós*, o que a faz ser pouco apropriada para a escrita de textos formais, como também pouco a vemos em textos jornalísticos. Se há a falta de prestígio em uma forma e o amplo prestígio em outra forma, é certo que provavelmente gramáticas, como também a escola, deem pouca importância à variante desprestigiada, uma vez que se espera que o aluno faça uso da variante prestigiada.

O caminho que trilhamos aqui deixa explícito que não podemos excluir da fala do aluno uma variante amplamente presente em sua realidade linguística só por não

ter esse “caráter oficial”. A maioria das pesquisas que descrevem a variação entre *nós* e *a gente* em posição de sujeito de 1PP observa que há predomínio de *a gente* na fala de pessoas das mais diversas classes sociais, níveis de escolaridade e faixa etária (Lopes, 1998; Omena, 2003; Santos, 2014; Vianna, 2011; Vianna; Lopes, 2015; Vitório, 2017b), inclusive na fala de falantes cultos, como mostram pesquisas a partir do Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC).

A alta adesão de uma forma é, em certo nível, caráter de seu prestígio, uma vez que os usos da língua refletem a sociedade na qual o indivíduo está inserido. É necessário, portanto, que o aluno tenha conhecimento de que a variante por ele utilizada não é inadequada ou inexistente, mas sim uma forma alternativa para a representação de 1PP que, por sua vez, pode não ser empregada em determinados contextos de uso da língua, como a escrita de textos que exigem maior grau de formalidade e uso da norma-padrão.

Trazer para a consciência do aluno uma regra de uso para a variante, não apenas excluindo seus usos, permite a ele compreender a necessidade de adequar a sua língua para diferentes situações comunicativas: “se o uso do *a gente* é menos adequado para a escrita de determinados gêneros, qual variante usar?”. Isso leva o aluno a refletir sobre o funcionamento de sua língua, como também sobre o seu emprego.

A variação dos possessivos de terceira pessoa

Como vimos, as mudanças existentes no quadro pronominal do português brasileiro não se limitam apenas aos pronomes pessoais, havendo mudanças também no quadro dos possessivos. Os possessivos de terceira pessoa (3P) são um exemplo para essa mudança.

Para a 3P as gramáticas conservam apenas a forma *seu* e flexões, em (20), o que não representa a realidade linguística atual. A entrada de *você* no paradigma pronominal de 2P gerou uma reestruturação no quadro de pronomes do PB. Com o uso do pronome possessivo *seu* no paradigma de 2P, houve o surgimento do pronome *dele*, em (21), que se tornou cada vez mais frequente na 3P como estratégia para

evitar a ambiguidade gerada pelo uso de *seu* (Lopes, 2007). Passou-se, então, a utilizar o pronome *dele* para demarcar melhor quem é o referente, evitando a confusão na interpretação.

(20) Eu vi o menino com o *seu* cachorro.

(21) Eu vi o menino com o cachorro *dele*.

As gramáticas tradicionais tendem a apresentar breves considerações em tópicos à parte para discutir a resolução de ambiguidade. Bechara (2009, p. 189) aponta que “o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu, sua, seus, suas* pelas formas *dele, dela, deles, delas, de você, do senhor, etc.*”. Cunha e Cintra (2008, p. 335) afirmam que “o fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor”.

O fato é que há duas formas concorrentes que podem ser usadas para fazer referência à 3P (Oliveira e Silva, 1996; Müller, 1997; Silva, 2016; Soares, 1999; Freitag; Siqueira, 2018; Novais; Siqueira; Rodrigues, 2021), *seu* e flexões e *dele* e flexões, ainda que haja pesquisadores que defendam que o uso de *seu* como 3P é restrito à língua escrita enquanto o uso de *dele* é restrito à língua falada (Oliveira e Silva; 1996; Bagno, 2012; Silva, 2016), além de que *seu* continua funcional em gêneros escritos formais e seu ensino não se torna obsoleto por causa da expansão de *dele*.

Se há essa distinção, é necessário que o aluno tenha consciência disso, para que use sua língua de acordo com as necessidades dos diferentes contextos de interação. O primeiro passo é destacar a existência das formas concorrentes para os possessivos de 3P (Quadro 5).

Quadro 5 – Possessivos de 3P no português brasileiro

Número	Possessivos
Singular	seu, sua, seus, suas, dele, dela
Plural	seu, sua, seus, suas, deles, delas

Fonte: Elaborado pelos autores.

O passo seguinte é destacar que, embora haja variação entre as formas, há contextos em que uma forma é mais utilizada e contextos em que a outra é mais utilizada, discutindo em sala as aplicações para cada uma das formas, com enfoque, principalmente, em contextos que privilegiem os usos reais da linguagem. Por fim, é necessário que o aluno tenha consciência dos usos de *seu* e flexões tanto para a 2P quanto para a 3P, destacando o papel do referente para a compreensão de a quem o pronome está fazendo referência, uma vez que a forma *seu* não concorda em número e gênero com o “ser possuidor”, e sim com a “coisa possuída” (A menina perdeu *sua* boneca), diferente do pronome *dele*, que concorda com o possuidor (A menina perdeu a boneca *dela*)³.

Tratar a forma *seu* e flexões como única variante para a 3P é desconsiderar a realidade linguística do aluno em detrimento do que pregam compêndios gramaticais. Os compêndios não estão errados, eles apenas apresentam uma visão diferente a partir de um dado ponto de vista. Cabe ao professor de língua saber adequar essa visão ao contexto no qual ele está inserido, de modo que não haja distanciamento entre língua falada e língua idealizada.

O sistema flexional de concordância verbal

O último ponto a ser discutido envolve uma mudança decorrente das alterações no paradigma pronominal, mas não dentro do paradigma. Nas seções anteriores, argumentamos que a entrada de determinados pronomes, como também a saída, geraram uma reestruturação no quadro pronominal da língua, incluindo mudanças em funções sintáticas que não a de sujeito, como complementos e adjuntos. Agora, passamos para a discussão sobre as alterações que ocorreram no sistema de concordância verbal da língua, mais precisamente a concordância verbal com a pessoa gramatical que, com a introdução de novas formas para a 2P e 1PP, sofreu modificações.

³ Aqui, utilizamos os termos possuidor e coisa possuída com referência ao conceito de possessivos como elementos que estabelecem uma relação de posse entre um possessor e uma coisa possuída. Reconhecemos, contudo, que essa é apenas a função prototípica dos possessivos, podendo, portanto, desempenhar outras funções (cf. Siqueira, 2021).

A concordância verbal é tradicionalmente entendida como o compartilhamento de traços entre o sujeito e o verbo. Nesse sentido, uma vez que o sujeito apresenta traço de singular, o verbo também deve apresentar esse traço. Se apresenta traço de 3PS, o verbo também deve apresentar esse traço. O PB comporta um sistema de flexão bastante rico, sendo 6 formas flexionais (Quadro 6).

Quadro 6 – Sistema de flexão verbal do português brasileiro

Pessoa gramatical	Flexão verbal
1ª pessoa do sg.	eu and o rápido
2ª pessoa do sg.	tu and as rápido
3ª pessoa dos sg.	ele/ela and a rápido
1ª pessoa do pl.	nós and amos rápido
2ª pessoa do pl.	vós and ais rápido
3ª pessoa do pl.	eles and am

Fonte: elaborado pelos autores.

Cada uma das pessoas gramaticais tem a sua flexão própria, não havendo mistura entre as formas. Contudo, uma vez que uma modificação em alguma parte do sistema acarreta modificações em outra(s) parte(s), a reestruturação no paradigma pronominal leva a uma reestruturação no paradigma verbal, que perde sua riqueza flexional, de seis para duas ou quatro formas básicas (Quadro 7), a depender da comunidade e do falante: i) a forma *tu* perde a flexão de segunda pessoa (mantida ainda em algumas comunidades no Brasil) e passa a adotar a flexão de 3PS, igual a *você*, *ele/ela*, em *tu fez*, *tu fazia*; ii) a forma de 2PP *vocês* passa a adotar a concordância de 3PP, semelhante a *eles/elas*, em *vocês fazem*; e iii) a forma *nós*, em contextos informais e menos monitorados, passa a ser usada também com flexão de 3PS, em *nós fez*, *nós fazia*.

Outros usos também podem ser feitos: i) a forma *a gente*, tendo valor semântico de plural, em contextos informais e menos monitorado, passa a ser usada com flexão de 1PP, em *a gente fazíamos*, *a gente fazemos*; e ii) as formas *vocês* e *eles/elas*, em contextos informais e na fala de alguns perfis sociais, passam também a ser empregadas com flexão de 3PS, em *vocês faz* e *eles/elas faz*.

Quadro 7 – Novo sistema de flexão verbal do português brasileiro

Pronome	Flexão
eu	faço
tu	faz
você	
ele/ela	
a gente	fazemos/faz
nós	
vocês	fazem/faz
eles	

Fonte: Elaborado pelos autores.

A aula de língua portuguesa deve ir muito além de ensinar o sistema flexional padrão, uma vez que nem sempre reflete a realidade linguística do aluno. É necessário que haja um contraste entre ambos os paradigmas flexionais, apontando, principalmente, o fato de que há formas que são mais aceitas socialmente e formas que são menos aceitas, desenvolvendo no aluno a habilidade de saber adequar a sua linguagem aos diferentes contextos comunicativos.

As mudanças no paradigma verbal ainda geram implicações no paradigma do sujeito nulo no português brasileiro. O português é (ou ao menos era) uma língua *pro-drop*, com o preenchimento da posição de sujeito por pronomes não sendo foneticamente realizado, em (22).

- (22) a. Compraste bastante comida.
 b. Andou até a escola apressado.
 c. Realizamos o dever de casa.

Embora o pronome *tu*, em (22a) não seja foneticamente realizado, a flexão do verbo, *compraste*, permite que saibamos que o sujeito se refere a um *tu*, com quem nos comunicamos. O mesmo quando falamos de (22b) e (22c) em que, mesmo não havendo a realização fonética de *ele/ela* e *nós*, respectivamente, a flexão verbal permiti-nos compreender sobre quem se falava.

Com a mudança no sistema flexional do verbo, essa capacidade de identificação torna-se complicada, uma vez que pode haver ambiguidade quanto à interpretação de quem é o sujeito, o que leva os falantes a fazer o preenchimento da posição de sujeito foneticamente. Isso tem tornado o português uma língua de sujeito nulo parcial (Duarte, 1995; Duarte; Kato, 2008), uma vez que ainda não há uma categoricidade para o preenchimento ou o não preenchimento justamente da posição de sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em sociolinguística tem contribuído bastante para a descrição do português brasileiro, observando, principalmente, quais os padrões linguísticos dos falantes dos mais distintos estratos sociais e regiões dialetais. A profusão de pesquisas sobre o paradigma pronominal do português brasileiro é uma evidência para essa descrição. É necessário que os resultados dessas pesquisas sejam convertidos em materiais pedagógicos que subsidiem as aulas de língua portuguesa, permitindo que o ensino da língua considere a realidade linguística do aluno, e não um padrão abstrato alheio a ele. O quadro 8 a seguir apresenta a atual situação linguística do português brasileiro quanto ao sistema pronominal.

Quadro 8 – Pronomes do português brasileiro

PESSOA	PRONOMES		
	Sujeito	Complemento	Possesivos
1ª pessoa sg.	eu	eu, me, mim, prep+ eu, prep +mim	meu, minha, meus, minhas
2ª pessoa sg.	tu, você, ocê, cê	você, ocê, cê, te, lhe, ti, contigo, prep+ você/ocê (= docê, cocê)	teu, tua, teus, tuas, seu, sua, seus, suas, de você
3ª pessoa sg.	ele, ela	o, a, ele, ela, lhe, prep+ele, prep+ela	seu, sua, seus, suas, dele, dela

1ª pessoa pl.	nós, a gente	nos, a gente, prep+a gente, prep+nós	nosso, nossa, nossos, nossas, da gente
2ª pessoa pl.	vocês, ocês, cês	vocês/ocês/cês, prep+vocês/ocês	seu, sua, seus, suas
3ª pessoa pl.	Eles, elas	eles/eis, elas, prep+eles/eis, elas	seu, sua, seus, suas, deles, delas

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para o ensino de todas as mudanças apresentadas neste texto, é necessário que, a princípio, traga-se para a consciência do aluno uma regra que, em certo grau, já faz parte de seu conhecimento. O ensino de gramática na escola é, acima de tudo, descobrir o que já faz parte da língua que o aluno fala de modo que ele possa refletir sobre seus usos e suas aplicações no dia a dia. É apenas a partir desse conhecimento consciente que podemos partir para as diferentes aplicações, atentando-se para a realidade social do aluno.

De forma complementar, não devemos banir a apresentação de formas em desuso na sala de aula. O aluno precisa reconhecer a existência de diferentes formas que representam a mesma função na língua, de modo que possam saber aplicar essas formas aos diferentes contextos de uso. Defendemos aqui, em consonância com o que propõe Lopes (2007), a apresentação paralela do novo quadro, não apenas a substituição do antigo, concomitante à aceitação das consequências geradas pela inserção das novas formas no paradigma pronominal do português brasileiro, como também as mudanças no paradigma verbal e mudanças no parâmetro do sujeito nulo.

Isso implica práticas pedagógicas que: (1) reconheçam a legitimidade da variedade linguística trazida pelo aluno à escola; (2) apresentem a norma-padrão como uma entre várias variedades possíveis, e não como a única forma “correta” de uso da língua, compreendendo que o ensino de variação linguística deve ser: (a) explícito – mostrando os contextos sociais em que cada variedade é valorizada; (b) contrastivo – comparando usos sem hierarquizá-los; e (c) reflexivo – problematizando os mecanismos de poder que determinam o prestígio linguístico; (3) utilizem dados reais de uso para mostrar a distância entre norma-padrão, norma culta e norma popular;

(4) enfoquem não a “correção” absoluta, mas a adequação linguística a diferentes contextos de comunicação; e (5) abordem explicitamente o preconceito linguístico, mostrando suas relações com outras formas de discriminação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. **Problemas de lingüística geral I**, v. 3, p. 277-285, 1995.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1995.

DUARTE, M. E. L.; KATO, M. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. In: **Congresso da ALI**, Braga, Portugal. 2008.

FREITAG, R. M. K.; SIQUEIRA, M. Ainda sobre possessivos de terceira pessoa no português brasileiro. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, v. 4, n. 2, p. 32-44, 2018.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

LOPES, C. R. S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (Org.). **Para a história do português brasileiro: novos estudos**. São Paulo: Humanitas, 2002. 521p

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta**, v. 14, n. 2, 1998.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

MÜLLER, A. L. P. A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele. **Revista da ANPOLL**, Niterói, n. 3, p. 11-32, 1997.

NOVAIS, V.; SIQUEIRA, M.; RODRIGUES, F. Os usos de seu e dele na fala de universitários sergipanos. **Enlaces**, Salvador, v. 2, p. e021009, 2021.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Estertores da forma seu de terceira pessoa na língua oral. In: SILVA, G. M. O, SCHERRE, M. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 169-146, 1996.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

PAES, J. A.; FREITAG, R. M. K. Pronomes, poder e solidariedade na sala de aula. In: FRANÇA, Marcos de et al. (org.). **Estudos linguísticos e literários: abordagens**. Araraquara: Letraria, 2020, p. 19-53.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. **Português Brasileiro—contato lingüístico, heterogeneidade, história**. Rio de Janeiro, v. 7, p. 160-169, 2003.

PERES, E. P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estudo em tempo aparente e em tempo real. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. Ática, 2005.

ROCHA, W. J. C.; SANTOS, L. O.; SOUSA, V. V. O pronome você e sua variante cê: um estudo (socio)funcional. **Interdisciplinar**, v. 24, p. 143-158, 2016.

SANTOS, K. C. **Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. C. Por onde transitam o tu e o você no nordeste?. **Revista de Letras**, v. 1, n. 40, p. 164-197, 2021.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; LUCCA, N. N. G.; ANDRADE, A. L. V. S. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense. **Papia**, v. 21, p. 117-134, 2011.

SCHMITZ, J. R. Coisa da gente. **Revista Língua Portuguesa**, ano I, n. 11, p. 44-46, 2006.

SILVA, J. M. S.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. A implementação de a gente não sujeito no sertão alagoano. **A Cor das Letras**, v. 19, n. 2, p. 183-198, 2018.

SILVA, M. L. S. **Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu (a) (s)/ dele (a) em Natal-RN**: aspectos sociais e estilísticos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

SILVA, S. O. P. **A variação de você e cê na fala dos sertanejos alagoanos**. 2017. Monografia (Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

SILVA, S. O. P.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação *você* e *cê* no sertão alagoano. **Revista Leitura**, Maceió, v. 2, n. 59, p. 122-142, 2017.

SIQUEIRA, M. O controle de traços semântico-pragmáticos sobre possessivos no português. **Entrepalavras**, v. 11, n. 1, 2021.

SIQUEIRA, M.; SOUSA, M. D. A. F.; RODRIGUES, F. G. C. Sistematizando Padrões Dialetais Morfosintáticos: Mobilidade e Contato. In: FREITAG, R. M. K.; SAVEDRA, M. M. G. (org.). **Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2023, p. 165 -188.

VIANNA, J. S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió /AL. **Revista**

digital do programa de pós-graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 122-138, 2017a.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. O pronome *a gente* na fala maceioense: um estudo sociolinguístico. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 11, n. 19, p. 63-82, 2017b.